

JESUS E OS GENTIOS • H. CORNELL GOERNER

Nós temos tentado ler as nossas Bíblias do mesmo modo como Jesus lia a Sua. Isto nos levou rapidamente pelo Antigo Testamento, as únicas Escrituras que Jesus possuía. Em todos os três trechos da Bíblia hebraica (os livros de Moisés, dos Profetas, e Salmos), nós descobrimos o cuidado de Deus por todas as nações e povos da terra, e Seu plano para lidar com eles através do Messias. Nós cremos que Jesus “ênfaticou” mentalmente estas passagens em Sua Bíblia, e planejou cumpri-las deliberadamente, através da Sua vida, Sua morte e Sua ressurreição.

Voltando agora ao Novo Testamento, nós descobrimos nos evangelhos, que as palavras e ações de Jesus confirmam este conceito abrangente do Seu ministério. O Novo Testamento flui do Antigo Testamento, com uma continuidade ininterrupta. Na denominação distintiva que Ele escolheu para si, na estratégia de Seu ministério, e em Seus claros ensinamentos, é óbvio que Jesus incumbiu-se de uma missão a toda raça humana.

Malaquias e Mateus

Quando a pessoa termina de ler o Antigo Testamento e abre o Novo, é como se apenas alguns dias houvessem se passado entre os dois períodos. Mateus começa bem onde Malaquias termina. E ninguém estava mais consciente disso do que Jesus. Ele sabia que havia vindo para cumprir o que Malaquias havia profetizado.

Os quatro curtos capítulos de Malaquias são uma completa denúncia da nação de Israel. Eles advertem sobre o iminente Dia do Juízo, a ser anunciado por um percussor, e então instituído como o “mensageiro da aliança.” Este mensageiro chegaria ao templo repentinamente, e daria princípio a uma nova era, não apenas ao povo de Israel, mas a todos os povos do mundo.

O julgamento por vir era chamado de “O Dia do Senhor.” Este seria “o grande e temível dia” de prova, quando o justo seria separado do perverso, como o ouro é refinado no fogo do ourives, como a sujeira é eliminada da roupa pelo sabão do lavandeiro, como a palha é separada do trigo com a pá, e como uma árvore infrutífera é cortada e consumida pelo fogo (Malaquias 3:2, 4:1, 5).

O juízo será especificamente rigoroso sobre Israel e seus líderes, por causa de pecados específicos os quais são denunciados: engano e hipocrisia em cultos de adoração (Malaquias 1:7-14); injustiça social (2:10); práticas religiosas pagãs (2:11); divórcio (2:16); negação de dízimos (3:8-10). Mas acima de tudo, o profeta declara que a paciência de Deus está chegando ao fim, porquanto o povo que deveria exaltar Yahweh, e fazê-lo reverenciado e adorado entre as nações do mundo, deixaram de fazê-lo. Em vez disso, eles profanaram o nome de Deus e o desonraram (1:14-15). Mas o propósito de Deus não será malogrado, pois desde o oriente ao ocidente, por todo o mundo, o Seu nome será exaltado entre as nações, e em todo lugar orações e adoração serão oferecidas a Ele (1:11). A idéia fundamental ressoa em Malaquias 1:10-11: “Ah, se um de vocês fechasse as portas do templo! Assim ao menos não acenderiam o fogo do meu altar inutilmente. Não tenho prazer em vocês,” diz o SENHOR dos Exércitos, “e não aceitarei as suas ofertas. Pois do oriente ao ocidente, grande é o meu nome entre as nações. Em toda parte incenso é queimado e ofertas puras são trazidas ao meu nome, porque grande é o meu nome entre as nações,” diz o SENHOR dos Exércitos.”

Porquanto Deus se importa em ser exaltado entre as nações, Ele agirá, adverte Malaquias. Ele primeiramente enviará um mensageiro para preparar o caminho para si (Malaquias 3:1). Depois Ele mesmo virá, como mensageiro da aliança, que dará princípio ao tempo do juízo (Malaquias 3:2-3). O percussor será um “Elias,” o profeta abrasador do grande e temível dia (Malaquias 4:5). Se o povo não prestar atenção a Ele, então juízo e destruição terríveis certamente virão.

Todos estes elementos de Malaquias são manifestados no terceiro capítulo do evangelho de Mateus. João Batista pregava, "Arrependam-se, pois o Reino dos céus está próximo" (Mateus 3:2). Isto é equivalente ao "Dia do Senhor" em Malaquias. O tempo do juízo de Deus está se aproximando com rapidez! Isto é a "ira que se aproxima" (Mateus 3:7). João usa as mesmas figuras de linguagem que são encontradas em Malaquias; o trigo e a palha serão separados. Para enfatizar que o juízo cairá sobre os israelitas, e não apenas sobre os gentios, conforme alguns judeus criam, João declarou em efeito: "Não pensem que vocês podem escapar porque são 'filhos de Abraão'. Pois eu lhes digo, Deus não depende de vocês. Ele pode fazer surgir 'filhos a Abraão' destas pedras, se quiser. Ele usará outros, se vocês não se acharem dignos. Vocês serão julgados e punidos, apesar da sua herança hebraica" (Mateus 3:9, paráfrase do autor).

Jesus retomou esta mensagem de advertência à nação de Israel. Imediatamente após o Seu batismo, nós somos avisados: Daí em diante Jesus começou a pregar: "Arrependam-se, pois o Reino dos céus está próximo."

Jesus identificou João Batista como o Elias que Malaquias havia prometido. Logo depois da prisão de João, Jesus declarou: "Pois todos os profetas e a Lei profetizaram até João. E se vocês quiserem aceitar, este é o Elias que havia de vir. Aquele que tem ouvidos, ouça! (Mateus 11:13-15).

Jesus estava avisando que um momento decisivo na história estava próximo. O último dos profetas havia sido enviado para dar um aviso final, antes que o juízo viesse sobre Israel. Alguns meses depois, após a morte de João Batista, Ele identificou João novamente como o Elias profetizado por Malaquias:

Mas eu lhes digo: Elias já veio, e eles não o reconheceram, mas fizeram com ele tudo o que quiseram. Da mesma forma o Filho do homem será maltratado por eles." Então os discípulos entenderam que era de João Batista que ele tinha falado (Mateus 17:12-13).

Durante Sua última semana em Jerusalém, enquanto ensinava no templo, Jesus estava cumprindo conscientemente o que havia sido escrito em Malaquias 3:1-2: "Vejam, eu enviarei o meu mensageiro, que preparará o caminho diante de mim. E então, de repente, o Senhor que vocês buscam virá para o seu templo; o mensageiro da aliança, aquele que vocês desejam, virá", diz o SENHOR dos Exércitos. Mas quem suportará o dia da sua vinda? Quem ficará em pé quando ele aparecer? Porque ele será como o fogo do ourives e como o sabão do lavandeiro."

João Batista havia sido enviado como um mensageiro para preparar o caminho. Ele havia feito o seu trabalho. Agora o próprio Senhor havia vindo para anunciar uma nova aliança, para substituir a Antiga Aliança que havia sido quebrada. ("O Senhor a quem buscas" não é Yahweh, mas o Messias esperado, indicado por "Adon" no hebraico. O Senhor dos Exércitos que está anunciando a vinda do Senhor [Adon] é Yahweh. Jesus, com conhecimento do hebraico, conhecia esta distinção.) O povo tinha estado buscando à vinda do Messias, eles pensavam, mas na verdade não estavam prontos para a Sua vinda e o juízo em que isto resultaria. Somente aqueles que estavam espiritualmente preparados, poderiam suportar a Sua vinda.

Isto é o que significa encerrar o Antigo Testamento e abrir o Novo Testamento. Jesus sabia que a aliança feita no Monte Sinai havia sido quebrada repetidas vezes por um povo desobediente, e depois de uma longa fila de profetas enviados para convencê-los havia fracassado, a paciência de Deus aproximava-se do fim. Uma nova aliança estava para ser selada com o remanescente fiel de Israel, que então chamaria os gentios para o arrependimento no nome do Messias, o juiz dos vivos e dos mortos. O julgamento deve começar por Israel. Depois ele deve ser proclamado a todas as nações. Este era o sinal de urgência com o qual Jesus iniciou o Seu ministério. O livro de Mateus cumpre o livro de Malaquias!

Filho do Homem

Nada é mais revelador do que a denominação pessoal que Jesus escolheu para si. Nós vimos que Ele não gostava do termo, "Filho de Davi," a designação popular do Messias. Ele sabia que era de fato "o Filho de Deus" aludido em Salmo 2:7, e durante o Seu julgamento diante do Sinédrio, Ele reconheceu isto. Mas a denominação que Ele usara durante todo o seu ministério fora, "Filho do Homem." O termo é usado mais de quarenta vezes nos Evangelhos, sempre com Jesus referindo-se a si mesmo. Os discípulos nunca usavam o termo, mas o chamavam de "Senhor" ou "Mestre." Para Jesus, as palavras eram quase substitutas do pronome pessoal. Ele disse repetidas vezes: "O Filho do homem não tem onde repousar a cabeça" (Mateus 8:20). "Então se verá o Filho do homem vindo das nuvens com grande poder e glória" (Marcos 13:26).

Jesus extraiu este termo de duas fontes principais: dos livros de Ezequiel e Daniel. “Filho do homem” é uma denominação distintiva, usada por Deus no profeta Ezequiel, e ocorre oitenta e sete vezes. O termo hebraico é “ben Adam,” que literalmente significa “filho de Adão,” ou “filho da humanidade.” Originalmente, isto significa apenas “homem,” como o oposto de Deus, e lembrava Ezequiel de sua humilde posição. Mas, no tempo de Jesus, o termo havia se tornado uma denominação honorífica do Messias, e muitas passagens em Ezequiel foram idealizadas e interpretadas messianicamente. Quando leu o livro, Jesus devia ter ouvido Deus falando diretamente a Ele: “Filho do Homem, vou enviá-lo aos israelitas, nação rebelde” (Ezequiel 2:3). “Filho do homem,” disse ele, “eu o fiz sentinela para a nação de Israel; por isso ouça a palavra que digo e leve a eles a minha advertência” (3:17).

As passagens referentes a um remanescente que seria poupado eram especificamente significantes para Jesus (6:8); o novo coração e espírito (11:19, 36:26-27); a nova aliança eterna (37:26); e a promessa de que os gentios viriam a conhecer ao Senhor, o Deus de Israel (37:28, 38:23, 39:7). Todos estes versículos deveriam ser cumpridos por Ele, como Filho do homem.

Não pode haver dúvidas de que Daniel 7:13-14 estava no pensamento de Jesus, quando Ele usou a denominação, “Filho do homem.” Ali este era um termo aramaico, “bar enash,” em vez de “ben Adam.” Mas o significado é semelhante, “enash” o qual é a palavra para toda a humanidade, como em oposição a um indivíduo do gênero masculino. No comentário rabínico e pensamento popular, o termo já havia sido altamente espiritualizado, indicando o homem ideal, quase divino por natureza. O Livro de Enoque, um sermão apocalíptico amplamente disseminado durante o primeiro século, exaltava a pessoa, até mais do que a visão de Daniel. Mas não é necessário presumir que Jesus fora influenciado por Enoque. As palavras de Daniel eram claras o suficiente:

“Em minha visão à noite, vi alguém semelhante a um filho de homem, vindo com as nuvens dos céus. Ele se aproximou do ancião e foi conduzido à sua presença. Ele recebeu autoridade, glória e o reino; todos os povos nações e homens de todas as línguas o adorarão. Seu domínio é um domínio eterno que não acabará, e seu reino jamais será destruído” (Daniel 7:13-14).

Jesus sabia que isto aconteceria após o Seu padecimento e a sua glorificação. Ele assumiu a denominação para si, deste modo identificando-se, não com os hebreus ou com a nação judaica de alguma forma exclusiva, mas com toda a raça humana, com todas as famílias da humanidade. Ele sabia que era o Filho do Homem e o Servo Padecedor.

Desde o Início

Conforme já vimos, a visão de um reino universal estava integrada ao plano sobre Jesus, desde o início de Seu ministério. O fato de que uma das tentações no deserto envolvia “todos os reinos do mundo e o seu esplendor” (Mateus 4:8) é conclusivo. Jesus aspirava o domínio mundial. A sua ambição de governar sobre as nações não era errada. A tentação seria tomar um atalho para aquele nobre objetivo: adotar os métodos do Diabo. Ao rejeitar os métodos de Satanás, Jesus não desistiu do seu objetivo de exercer autoridade em todo o mundo. Em vez disto, Ele preferiu o caminho do padecimento e da redenção, os quais Ele encontrara delineados nas Escrituras.

Este sermão em Nazaré demonstra que o propósito de Sua vida estendia-se muito além da nação de Israel. Ele não ficou surpreso por Seu próprio povo não ter recebido a Sua mensagem. “Sempre foi assim,” disse Ele. “Os profetas sempre encontraram mais fé entre os estrangeiros do que entre seu próprio povo” (Lucas 4:24, paráfrase do autor). Ele então deu um exemplo: “Havia muitas viúvas em Israel no tempo de Elias... Contudo, [ele] não foi enviado a nenhuma delas, senão, a uma viúva de Sarepta, na região de Sidom” (Lucas 4:25-26). Seus ouvintes conheciam o resto da história narrada em 1 Reis 17. Recebido num lar gentio, Elias realizou o extraordinário milagre de encher a farinha na vasilha e o azeite na botija, e mais tarde trazer o filho da viúva de volta à vida - não uma viúva judia, mas gentia!

Jesus não pára em Elias. Ele esfregou sal nos sentimentos feridos de Seus ouvintes, através da história de Elias. Pois Naamã, o sírio, não era apenas um gentio, mas um comandante militar do exército da Síria, o qual naquele exato momento encontrava-se em guerra contra Israel, e havia quase erradicado a pequena e desafortunada nação (2 Reis 5:1-14). Contudo, embora houvesse muitos leprosos em Israel, “nenhum deles foi purificado somente Naamã, o sírio.” Nenhuma ilustração mais dramática poderia ser oferecida do que o fato de a graça de Deus não estar limitada ao povo de Israel, e que os gentios muitas vezes, demonstravam mais fé do que aqueles

que eram considerados “filhos do reino.” Não é de admirar-se de que os orgulhosos cidadãos de Nazaré ficaram enfurecidos com este jovem audacioso, que insultava a sua nação e chamava à questão a sua posição privilegiada como o “Povo Escolhido” de Deus! Mas pelo Seu milagroso poder, eles o teriam atirado precipício abaixo para que morresse no fundo dos rochedos pontiagudos (Lucas 4:28-30).

Primeiro dos Judeus

Jesus possuía uma convicção profunda de uma missão especial à nação judia. Ele expressou isto de maneira tão forte, que alguns concluíram que Ele não havia projetado uma missão além de Israel. Mas um exame minucioso de todas as Suas palavras e ações revela que isto foi uma questão estratégica. Como Paulo expressou mais tarde, Sua missão era “primeiro do judeu, depois do grego” (Romanos 1:16; 2:10).

O cuidado de Jesus com Israel é demonstrado nas instruções aos doze discípulos, quando Ele os enviou em sua primeira missão para pregar o evangelho. “Não se dirijam aos gentios,” disse Ele, “nem entrem em cidade alguma dos samaritanos. Antes, dirijam-se às ovelhas perdidas de Israel” (Mateus 10:5-6). O motivo é óbvio. O tempo era curto, e o juízo à nação estava próximo, se não houvesse um arrependimento rápido. A necessidade era urgente, mais para Israel do que para as nações gentias, cujo tempo de julgamento viria mais tarde. De fato, exatamente no mesmo contexto está a previsão de que o ministério de pregação do evangelho dos discípulos seria estendido aos gentios; “Por minha causa vocês levados à presença de governadores e reis como testemunhas a eles e aos gentios” (versículo 18). Mas primeiro eles precisavam concentrar-se nas cidades judias, porquanto o tempo da oportunidade era curto (versículo 23).

Lucas nos conta a respeito de uma missão de pregação do evangelho posterior, na qual setenta outros discípulos foram enviados dois a dois (Lucas 10:1). Do mesmo modo que os doze apóstolos representam simbolicamente as doze tribos de Israel, os setenta simbolizam as nações gentias. Em Gênesis 10, os descendentes de Noé foram relacionados; o número era setenta.

A tradição rabínica presumia que este era o número total das nações espalhadas sobre a terra após a Torre de Babel, e repetidamente se referiram às setenta pessoas gentias. Jesus pode ter usado este meio de simbolização como Seu propósito em longo prazo. Os doze foram enviados para advertir as tribos de Israel do juízo iminente. Os setenta foram enviados mais tarde numa missão de treinamento, em preparação para sua missão máxima ao mundo.

Contatos Com os Gentios

A maior parte do ministério público de Jesus foi conduzida em território judeu. Dado às circunstâncias, o número de contatos pessoais com gentios, registrados nos evangelhos, é surpreendente. Ele curou endemoninhados gadarenos (Mateus 8:28-34). Entre dez leprosos curados, um era samaritano, e Jesus comentou o fato de que apenas o estrangeiro voltara para agradecê-lo (Lucas 17:12-19).

Uma mulher samaritana foi a única ouvinte de um dos maiores sermões de Jesus. Ela recebeu a garantia de que estava chegando a hora em que Deus seria adorado, não em Jerusalém ou no Monte Gerizim, mas em todo o mundo “em espírito e em verdade” (João 4:5-42).

A fé da mulher cananéia foi recompensada quando sua filha foi curada. Muito tem sido falado a respeito do comentário intrigante de Jesus, no início do encontro: “Eu fui enviado apenas às ovelhas perdidas de Israel.” Isto pode ter sido um admoestação deliberada aos seus discípulos, que queriam mandá-la embora sem ter o seu pedido respondido, e que compartilhavam o preconceito racial, o qual era comum naquela época. O ponto significativo é que Jesus ministrou à mulher gentia, e exaltou a sua fé na presença de Seus discípulos, e dos espectadores judeus (versículo 28).

O centurião cujo servo fora curado, era quase certamente um romano. Comandante de um grupo de cem soldados estrangeiros aquartelados em Cafarnaum para manter a paz, ele foi desprezado pelos judeus, que se sentiam ressentidos com este “exército da ocupação.” Consciente da sua autoridade como militar, ele humildemente assegurou a Jesus de que não seria necessário que Ele fosse à sua casa para curar o seu servo (e com isso talvez fazer-se impuro por entrar num lar gentio). “Dize apenas uma palavra, e meu servo será curado,” ele declarou com uma fé genuína (Mateus 8:8). Jesus virou-se e anunciou à multidão judia que o seguia: “Digo-lhes a verdade: Não encontrei um único hebreu que tivesse tanta fé como este comandante militar gentio” (Mateus 8:10, paráfrase do autor). Ele não parou ali, mas prosseguiu com esta solene previsão: “Eu lhes digo que muitos destes estrangeiros virão do oriente e do ocidente, para juntarem-se a Abraão, Isaque e Jacó no Reino dos céus. Mas muitos outros que foram ensinados que eles eram “filhos do Reino” (o povo Escolhido de Israel) serão lançados para fora” (versículos 11-12, paráfrase do autor).

A vinda de um grupo de gregos precipitou a crise final no âmago de Jesus: Sua decisão de subir à cruz. É claro que estes não eram meramente judeus helenistas, mas estrangeiros, ou inquiridores ou prosélitos, que haviam aceitado o judaísmo e por isso estavam qualificados a adorar na área do templo, pelo menos nos átrios dos gentios. O seu pedido de ver Jesus levou-o a declarar: “Chegou a hora de ser glorificado o Filho do homem” (João 12:23). O interesse profundo dos gregos era evidência de que o mundo estava pronto para a Sua missão redentora, a ser culminada pela Sua morte, pela expiação dos pecados: “Mas eu, quando for levantado da terra, atrairei todos a mim.” “Todos” gregos assim como também judeus, gentios e hebreus – esta é a implicação evidente destas profundas palavras relatadas por João (12:32).

A Última Semana

Os eventos daquela última semana em Jerusalém dão testemunho eloqüente do fato de que Jesus, recusando-se ser um Messias judeu nacionalista, moveu-se resolutamente em direção à cruz, completamente ciente de que Ele iria estabelecer um novo povo interacional e internacional, a nova Israel, destinada a tornar-se mundial no seu âmbito como reino espiritual. Ele entrou na cidade montado num jumento, a fim de cumprir a profecia de Zacarias, de um rei que falaria de paz às nações, e cujo domínio se estenderia de um mar a outro (Zacarias 9:9-10). Ele limpou os átrios dos gentios, declarando austeramente, “A minha casa será chamada casa de oração para todos os povos” (Marcos 11:17). De pé no templo, Ele denunciou os sumos sacerdotes e fariseus, os líderes oficiais da nação judia, por terem deixado de ser bons mordomos das verdades do Reino, as quais haviam sido confiadas ao Povo Escolhido, e solenemente declarou, “Portanto eu lhes digo que o Reino de Deus será tirado de vocês e será dado a um povo que dê os frutos do Reino” (Mateus 21:43). Ele profetizou a queda de Jerusalém e a destruição do templo, ainda naquela geração (Mateus 24:34; Marcos 13:3a, Lucas 21:32); mas quando lhe perguntaram sobre o fim dos tempos, Ele disse, na verdade: “Cuidado, que ninguém os engane. Isto não acontecerá tão rápido como muitos pensam. Pois este evangelho do Reino será pregado em todo o mundo, e depois disto virá o fim” (Mateus 24:4-14, paráfrase do autor). Acerca de Sua volta em glória, Ele foi propositadamente vago, declarando, “Quanto ao dia e à hora ninguém sabe, nem os anjos dos céus, nem o Filho, senão somente o Pai” (Mateus 24:36). Mas quando Ele vier, Ele prometeu, “Todas as nações serão reunidas diante dele, e ele separará umas das outras como o pastor separa as ovelhas dos bodes.”

Pouco antes da Páscoa, numa casa em Betânia, uma mulher adoradora ungiu Seu corpo com um perfume muito caro. Quando ela foi criticada por sua extravagância, Jesus decididamente a defendeu com estas palavras: “Quando derramou este perfume sobre o meu corpo, ela o fez a fim de me preparar para o sepultamento. Eu lhes asseguro que em qualquer lugar do mundo inteiro onde este evangelho for anunciado, também o que ela faz será contado, em sua memória” (Mateus 26:12-13).

Na noite seguinte, no cenáculo com Seus discípulos, Ele selou a Nova Aliança com eles, em antecipação à Sua morte. Ele declarou enquanto passava o cálice, “Isto é o meu sangue da aliança, que é derramado em favor de muitos, para perdão dos pecados” (versículo 28). Somente os onze se encontravam presentes, e todos eram judeus. Mas Jesus sabia que o pequeno núcleo de um novo Povo Escolhido, o remanescente de Israel, logo cresceria, quando os muitos por quem Ele havia morrido ouvissem as boas novas, e o aceitassem como seu Senhor e Salvador.

Notas Finais

1. William Manson, *Jesus the Messiah* (London: Hodder and Stoughton, 1943), pp. 102 f.
2. Alfred Edersheim, *The Life and Times of Jesus the Messiah* (Grand Rapids, MI: Eerdmans,) p.173.
3. *The Broadman Bible Commentary* (Nashville: Broadman Press, 1971), p. 149.

Extraídos de All Nations in God's Purposes (Nashville: Broadman Press 1979), capítulo 5. Todos os direitos reservados. Usado com permissão. Copyright 2001 Campus Crusade for Christ, Inc.(Cruzada Estudantil e Profissional para Cristo). Todos os direitos reservados. Este estudo pode ser copiado, sem alterações, para o uso pessoal de ministério. A revenda deste estudo, com fins lucrativos é estritamente proibida.